CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
FRANK BORZAGE – O LUGAR MAIS SAGRADO
14 e 17 de novembro de 2026

STAGE DOOR CANTEEN / 1943
(*Chuva de Estrelas*)

Um filme de Frank Borzage

Realização: Frank Borzage / Argumento: Delmer Daves, a partir da sua novela *A Soldier's Love Story* / Direcção de Fotografia: Harry Wild / Música: Freddie Rich, C. Bakaleinikoff; canções de Al Dubin – Jimmy Monaco, Rodgers & Hart, Joe Moody, Harry Miller – Bob Reed, Al Hoffman, Mann Curtis, Cy Corbin, Jerry Livingston / Com as Orquestras de: Count Basie, Xavier Cugat, Benny Goodman, Kay Kyser, Guy Lombardo, Freddy Martin / Montagem: Hal Kern / Cenários: Hans Peters / Guarda-Roupa: Albert Deano / Assistentes de Realização: Lew Borzage, Virgil Hart / Interpretação: Cheryl Walker (Eileen), William Terry («Dakota» Ed Smith), Marjorie Riordan (Jean), Lon McCallister («California»), Margaret Early (Ella Sue), Michael Harrison («Texas»), Dorothea Kent (Mamie), Fred Brady («Jersey»), Marion Shockley (Lillian), Patrick O'Moore (o australiano). Estrelas na «Canteen»: Judith Anderson, Kenny Baker, Tallulah Bankhead, Ralph Bellamy, Edgar Bergen e Charlie McCarthy, Ray Bolger, Ina Claire, Katharine Cornell, Jane Cowl, Virginia Field, Gracie Fields, Lynn Fontanne, Vinton Freedley, Virginia Grey, Helen Hayes, Katharine Hepburn, Hugh Herbert, Jean Hersholt, Sam Jaffe, Allen Jenkins, George Jessel, Otto Kruger, Gypsy Rose Lee, Alfred Lunt, Aline MacMahon, Elsa Maxwell, Harpo Marx, Helen Menken, Yehudi Menuhin, Ethel Merman, Ralph Morgan, Alan Mowbray, Paul Muni, Elliott Nugent, Merle Oberon, George Raft, Lanny Ross, Selena Royle, Martha Scott, Cornelia Otis Skinner, Ned Sparks, Bill Stern, Ethel Waters, Johnny Weissmuller, Arleen Whelan, Dame May Whitty, Ed Wynn.

Produção**:** Sol Lesser Productions / Distribuição**:** United Artists / Produtor**:** Sol Lesser / Cópia**:** 16 mm, preto e branco, v. o. em inglês, legendado eletronicamente em português / Duração**:** 134 minutos / Estreia Mundial**:** Nova Iorque, 24 de Junho de 1943 / Estreia em Portugal**:** Éden, 6 de Outubro de 1944.

***

Eis um genérico que põe qualquer um a sonhar, na expectativa de ver lá uns tantos nomes sonantes em confronto no mesmo filme. Só que o sonho não se transforma em realidade, ou seja, as vedetas surgem efectivamente em cena, mas apenas de uma forma meteórica e desempenhando pequenos *cameos* na maior parte dos casos, só para afirmar a sua presença e marcar uma posição, afinal, mais política e solidária do que artística. Neste ano de 1943, o que mais importava era o esforço de guerra e havia sobretudo que, por um lado, apoiar os bravos soldados das frentes de batalha e, por outro, afirmar que todos, até os famosos, estavam empenhados nessa luta nacional. Aliás, o cenário do filme, embora reconstruído em estúdio, tem a ver com um local verídico: quer na Broadway, quer em Hollywood, as grandes estrelas abriram esta espécie de cantinas, ou salas de espectáculos, onde os soldados poderiam, quando de licença, entreter-se e mesmo conviver de perto com tais personalidades.

Stage Door Canteen bem pode ser assim visto como um modelo da vontade de participação na II Guerra Mundial por parte dos intervenientes do mundo do espectáculo americano. Exemplar, mas não singular, muito pelo contrário: todas as *majors* produziram filmes semelhantes: a Fox avançou com *The Gang's All Here*, a Paramount propôs *Variety Girl*, a Metro produziu *Thousands Cheer* e a Warner *Hollywood Canteen*. Que entre a versão original e a versão que hoje veremos desta *Canteen* da Broadway, realizada por Borzage, haja a bagatela de um hiato de 48 minutos, deve-se decerto — que não há dados seguros, mas é fácil adivinhar — a uma remontagem efectuada

para posteriores exibições. É que, sendo filmes com uma fragilíssima construção narrativa, feita de colagens entre pequenas e soltas aparições mais ou menos recheadas de uma retórica propagandística, ou mais ou menos de puro entretenimento para esquecer as amarguras, tipo «Natal dos Hospitais», sem dificuldade de maior poderiam os produtores permitir-se suprimir largos excertos que considerassem demasiado ociosos ou datados. Como se pode verificar em *Stage Door Canteen*, 48 minutos não parecem fazer grande diferença para a continuidade e a boa compreensão da história e dos dramas que nela se manifestam.

Mas, apesar de correr o enorme risco de se transformar, nos nossos dias, num daqueles filmes propícios aos inócuos despiques entre os garbosos elementos desse sector dos cinéfilos que confunde o saber com a colecção mental de referências, *Stage Door Canteen* tem o interesse de demonstrar que o dito «Borzage touch» não deixa de se insinuar mesmo através da rígida estrutura que o forma. Aquilo que liga esta sucessão de números, quer musicais quer de *vaudeville*, é a pequena história amorosa que se vai desenvolvendo entre os soldados e as coristas. Eis então expostos com clareza os temas queridos a Borzage dos amores quase funestos, ou seja, trágicos e, se não impossíveis, apenas afirmados pela força afectiva que os sustenta. Ela convive com ele apesar da proibição formal de o fazer fora das paredes da *canteen*, onde, aliás, decorre, muito economicamente, quase todo o filme; ele apaixona-se sem saber se poderá alguma vez realizar o seu amor. Fica, pois, demonstrado que, mesmo no interior da mais constrangedora das matrizes produtivas, pode sempre irromper a marca da personalidade criativa de um autor.

José Navarro de Andrade
Folha redigida originalmente em 22 de Junho de 1990